

Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad.

Volumen 1, Número 2, Abril 2015, ISSN: 2387-0907, Dep. Legal: J-67-2015

<http://riai.iimdo.com/>

A IDENTIDADE LÍQUIDA E O CIBERESPAÇO

(La identidad líquida y el ciberespacio)

Raquel Rocha Rosa de Brito

raquelrosapsi@hotmail.com

Mestranda no Programa de pós-graduação em Cognição e Linguagem,
UENF, Brasil.

Souza, Carlos Henrique Medeiros de

chmsouza@gmail.com

Coord. Prof. no Programa de pós-graduação em Cognição e Linguagem,
UENF, Brasil.

Páginas 40-49

Fecha recepción: 06-10-2014

Fecha aceptación: 01-02-2015

Resumo.

O presente artigo baseou-se nas teorias de dois sociólogos contemporâneos: Anthony Giddens e Zygmunt Bauman, a fim de discorrer sobre a questão da identidade no mundo Pós moderno, globalizado, capitalista, relacionado à um lugar específico: o ciberespaço. Tratamos também sobre a liquidez da identidade na obra de Bauman e o desencaixe na obra de Giddens, onde observa-se que o mundo pós moderno permite, com advento das novas tecnologias da informação e comunicação, a condução e propagação dessa ideia: que um único sujeito mude constantemente sua identidade sem preocupar-se na construção de apenas uma e sólida. Os sociólogos corroboram às análises críticas quanto aquilo que o mundo pós moderno parece se esquecer: o permanente, o fixo. Em contrapartida, levantamos os estudos de Castells e Lévy em defesa desse novo lugar de comunicar, relacionar, conectar: o ciberespaço. A metodologia utilizada neste trabalho é qualitativa, descritiva e bibliográfica, com levantamento e análises teóricas das obras referidas.

Palavras chave: identidade, modernidade, liquidez, ciberespaço.

Resumen.

Este artículo se basó en las teorías de dos sociólogos contemporáneos Anthony Giddens y Zygmunt Bauman, con el fin de discutir el tema de la identidad en el mundo moderno Post, globalizado y capitalista, en relación con un lugar específico: el ciberespacio. Nos ocupamos también de la liquidez de la identidad en la obra de Bauman y la separación en la obra de Giddens, donde se observa que el mundo post moderno permite, con la llegada de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación, la conducción y difundir esta idea: que un solo sujeto cambiar constantemente su identidad sin tener que preocuparse en la construcción de un único y sólido. Los sociólogos confirman el análisis crítico como lo que el mundo postmoderno parece olvidar: la permanente, fijo. Sin embargo, los estudios plantean Castells y Lévy en defensa de este nuevo lugar de comunicarse, relacionarse, conectarse: el ciberespacio. La metodología utilizada en este estudio es el análisis de las obras mencionadas cualitativo, descriptivo y de la literatura, una encuesta y teórica.

Palabras clave: identidad, la modernidad, la liquidez, el ciberespacio.

Introdução.

A presença das tecnologias de informação e de comunicação-TICs na sociedade pós moderna tem produzido muitas transformações na relação entre sujeito - mundo, revolucionando a forma de se comunicar e influenciando a identidade. O objetivo do estudo é correlacionar a proposta de “liquidez da identidade”, presentes nas obras de Bauman e Giddens, com o ciberespaço (internet), embasado nos estudos de Castells e Lévy. Discorreremos sobre esse novo espaço que a cada dia tem mais e mais adeptos: o ciberespaço.

Ao mesmo tempo em que a pós-modernidade abre as portas para um mundo de possibilidades a partir das novas tecnologias, como maior acessibilidade à informação, agilidade e facilidade nas inter relações, pode gerar no indivíduo, que faz uso dela (e quem não faz), inseguranças, dúvidas, incertezas e claro, uma efemeridade característica da vida moderna. E é nesse aspecto que entram os estudos e a crítica de Bauman e Giddens em relação a essa liquidez; a sociedade de consumo estimula a busca pelo que há de mais atual, bonito sem se preocupar na intensidade dessa magnitude que leva as pessoas a não se fixar em uma única identidade.

Veremos adiante a concepção da vida moderna, pós moderna em Giddens e Bauman e a influência da sociedade na identidade, do local para o global e vice versa. Abordaremos também a questão da mudança, do deslocar que as relações sofrem, do real para o virtual, do físico para o computador. E, por fim falaremos sobre o mais novo e atual espaço e lugar: o ciberespaço como ambiente para se comunicar, para interagir e para construir e reconstruir identidade.

Capitalismo, Modernidade, Sociedade e Identidade.

Historicamente a modernidade emergiu na Europa por volta do século XVII e tornou-se mundial rapidamente (GIDDENS, 1991). Juntamente com o mundo moderno, surge o capitalismo que pode ser entendido como “um sistema de produção de mercadorias, centrado sobre a relação entre propriedade privada do capital e o trabalho assalariado sem posse de propriedade, essa relação formando o eixo principal do sistema de classes” (GIDDENS, 1991, p.61). O capitalismo gera investidores, produtores e consumidores.

O surgimento da modernidade trouxe novos estilos de vida que afeta o cotidiano de cada indivíduo. Os valores de ontem tornam-se obsoletos e se transformam a cada momento, da mesma forma que o futuro próximo pode desmerecer aquilo que valorizamos agora. Vemos na obra de Bauman que há uma busca sem fim de identidade, que ocorreu juntamente com a ideia capitalista de produzir e consumir, aumentando as opções de escolha em um ciclo onde a relatividade e flexibilidade saem à frente. Bauman (1998) alega que o alvo estratégico do capitalismo, da globalização, está na descentralização da vida pós-moderna que se empenha em fazer com que a identidade não se fixe. Podemos admitir a dinâmica atual em várias esferas da vida, mas citemos os relacionamentos como exemplo, são criadas e reinventadas novas formas para classificar as relações amorosas: casamento aberto,

múltiplo, casual, à distancia, virtual, o ficar, o rolo, etc. (BAUMAN, 2003). As possibilidades são tão variadas, que talvez não faça mais sentido a classificação e a regulação, como até tempos atrás onde as relações tidas como “padrão” e desejadas era “até que a morte os separe”.

Giddens (1991) fala exatamente sobre as mudanças das concepções de tempo e espaço. “O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face.” (GIDDENS, 1991, p.27). Com a forte influência das novas tecnologias da informação, a presença física de duas ou mais pessoas no mesmo lugar/local para se comunicar já não é necessária, se deslocam para um lugar virtual, líquido.

Para Bauman (1999) a “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos.” Para ele a modernidade significou uma constante luta contra a ambivalência, uma busca incessante de formas de conhecer, classificar e ordenar o mundo. A modernidade foi criada pelo Estado para estabelecer ordens. Para controlar é preciso conhecer através de um projeto técnico-científico, com objetivo de trazer uma melhor qualidade de vida as pessoas. O Estado Moderno dividia a sociedade em categorias, em grupos, e buscava através da razão fugir da indeterminação. Mas na pós modernidade até a “ordem” está passando por transformações, há um deslocar e movimentação contínuo que não permite as coisas se estabelecerem em um único lugar; a presença do caos, nesse sentido, sobrepõe a ordem, principalmente tratando-se de identidade. O trecho a seguir elucida melhor o que Bauman define por identidade:

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protege-la lutando ainda mais- mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta” (BAUMAN, 2005, p. 21-22).

Líquido é o termo utilizado por Bauman (1998) para ilustrar a voracidade com a qual as mudanças acontecem, impossibilitando qualquer estabilidade e segurança na pós-modernidade. Tudo se tornou provisório e temporário, inclusive a identidade. Vivemos em uma sociedade fluida que nega qualquer possibilidade de retrocesso à rigidez na construção de uma identidade. Na sociedade pré-moderna as identidades eram moldadas a partir da religião, das relações familiares de tradição e da comunidade, enquanto na modernidade tornou-se uma tarefa individual e de integral responsabilidade do indivíduo. A busca da identidade era muito mais estável e concreta.

A volatilidade das identidades, por assim dizer, encara os habitantes da modernidade líquida. E assim também faz a escolha que se segue logicamente: aprender a difícil

arte de viver com a diferença ou produzir condições tais que façam desnecessário esse aprendizado. (BAUMAN, 2001: 204). As pessoas escolhem com quem se relacionar e, sem ressentimento, com quem não se relacionar. O autor fala a respeito das relações instauradas quando alega que é "Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham 'data de validade', caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura". (BAUMAN, 2001:74). Seguindo esse mesma ideia, Giddens (1993) usa o termo relacionamento puro (vínculo emocional) referindo a uma relação na qual se dá apenas pela própria afeição mútua, ou seja, só há uma contínua relação enquanto as partes optarem estar envolvidas, quando há interesse e satisfação individual em manter o vínculo.

Pensando sobre a mudança no tempo e espaço e nas relações, Giddens (1991) define o "espaço vazio" como a separação entre o cenário físico e a atividade social. Se as sociedades passadas coincidiam em um espaço e lugar próprio, na modernidade não mais; a presença das relações entre "ausentes" estão distantes de qualquer situação pré-moldada e organizada. Os locais passam a ser moldados por influências sociais distintas. A esse deslocar, Giddens denomina desencaixe; assim, do desencaixe da dimensão local, vamos ao reencaixe das relações do âmbito local para o global. Para haver desencaixe e reencaixe é necessário sistemas operacionais peritos e confiáveis. Os sistemas peritos são "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social que vivemos hoje." (GIDDENS, 1991, p.35). A confiança pode ser considerada como artigo de fé, que se baseia na expectativa de que estes sistemas de encaixe e desencaixe funcionem corretamente.

Algumas características dizem respeito a esse novo período. Giddens (2002) considera a modernidade tardia, como prefere chamar, de radicalização da reflexividade, ou seja, cada dia que passa as práticas sociais são revisadas mais rapidamente sob a luz de conhecimentos, agora, produzidos muito mais rapidamente e em maior quantidade. Essa radicalização da reflexividade torna a sociedade ainda mais imprevisível, qualquer possibilidade de ordenamento racional e de controle pelo Estado fica abalado.

Esse estado líquido, fluido e imprevisível invadem, segundo Bauman (2001), todos os setores da modernidade que antes eram sólidos. A economia de hoje é totalmente flexível, não há mais dependência de um local específico para produção. O poder também se tornou fluido, descartando um local físico para manter o controle. Com isso, as opções, tornam-se cada vez mais amplas e as infinitas possibilidades podem gerar no indivíduo uma sensação de culpa ou arrependimento por fazer uma má escolha.

Nas redes, por exemplo, conectar ou desconectar são escolhas (basta um click), as conexões são estabelecidas e/ou cortadas por decisões que legitimam o poder de liberdade que o indivíduo tem e conquistou. A hipótese de um relacionamento "indesejável, mas "impossível de romper" é o que torna "relacionar-se" a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma "conexão indesejável" é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (BAUMAN, 2004: 12).

O mundo em que vivemos hoje torna inviável e inconcebível projeções de longa duração que tenham intuito de solidificar qualquer ação longínqua. Não há possibilidade de construir alicerces em terras movediças, nem tão pouco uma sociedade pós-moderna compreender a identidade do sujeito de forma estanque, concebe o sujeito como produto, provisório, totalmente mutável e sem identidade fixa. O sujeito percebe essa inconstância e imediatismo, que permeiam todo o processo de construção de uma identidade, e deve estar preparado para se tornar cada vez mais flexível.

Bauman revela que o mundo pós moderno leva-nos a uma fragmentação da imagem de nós mesmos: "Em vez de construir sua identidade, gradual e pacientemente, como se constrói uma casa - mediante a adição de tetos, soalhos, aposentos, ou de corredores, uma série de "novos começos", que se experimentam com formas instantaneamente agrupadas mas facilmente demolidas, pintadas uma sobre as outras: uma identidade de palimpsesto. Essa é a identidade que se ajusta ao mundo em que a arte de esquecer é um bem não menos, se não mais, importante do que a arte de memorizar, em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de contínua adaptação, em que sempre novas coisas e pessoas entram e saem sem muita ou qualquer finalidade no campo de visão da inalterada câmara da atenção, e em que a própria memória é como uma fita de vídeo, sempre pronta a ser apagada a fim de receber novas imagens, e alardeando uma garantia para toda a vida exclusivamente graças a essa admirável perícia de uma incessante auto-obliteração. (Bauman, 1998: 36 e 37).

Hall (1998) revela que os acontecimentos que mostram a intensa globalização ocorrem devido ao constante desenvolvimento das novas tecnologias da informação, dos meios de transporte, ligando o local ao mundial (global) havendo assim um deslocamento do processo interacional e logicamente dos diversos estilos de novas identidades. Seguindo esse mesmo pensamento, Augé (1994) considera de que a vida contemporânea é produtora de não-lugares, mas de espaços de transição, fluxo e passagem.

De acordo com Hall (2006), os antigos parâmetros de identidade estão sendo desconstruídos. A identidade do sujeito, entendido na sociedade passada, como um ser unificado e estável foi substituída pela noção do sujeito pós moderno que o caracteriza como fragmentado, instável e "descentrado". Essa grande diversidade permite que o indivíduo busque diversas identidades em diferentes momentos e não se canse de alterá-la.

Observamos através dos estudos de Bauman e Giddens que a globalização/capitalização contribuíram para que a (construção) identidade se tornasse líquida, fluida e instável e, juntamente com o advento da ciência e dos meios tecnológicos, tendo a internet como principal, (ciberespaço) ratifica, com isso, a ideia dos autores de que a sociedade pós moderna ou tardia proporciona uma liberdade ao indivíduo capaz de não se preocupar no que tange a ter uma identidade constante, ao contrário, aquilo que o ciberespaço propaga e retroalimenta é a ideia de que com a mesma rapidez que a informação é veiculada, a identidade também. Trataremos adiante sobre essas mudanças.

Mudança de lugar e espaço

Antes de darmos início a discussão sobre a mudança de lugar para se comunicar, se socializar, abordaremos um pouco mais a questão da fluidez da identidade na pós modernidade, que embasará as teorias sobre todas essas mudanças. A reflexividade é hoje mediada pelos meios de comunicação. Estamos expostos a todo instante a novas informações, que podem levar a reformulação de nós mesmos, de nossas práticas sociais e interacionais. Bauman (1998, 1999, 2001, 2003) afirma que hoje não há mais medo da ambivalência quanto às identidades, ela tornou-se até um valor. Em um mundo onde tudo é transitório, uma identidade fixa não parece atrativa. Alega ainda que as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa.

A vida na pós modernidade parece ser orientada pelo consumo, o que faz com que as identidades sejam construídas a partir dessa movimentação entre produto e consumo, se tornando cada vez mais líquida. “Com essa capacidade somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece.” (BAUMAN, 2001, p.98). Seguindo o pensamento de Bauman, a construção da identidade é um processo que não tem fim ou destino, e no qual os objetivos se transformam antes mesmo de serem alcançados. A construção da identidade é sempre um projeto incompleto. Uma identidade coesa, sólida, permanente é vista, no mundo atual, como uma grande limitação da liberdade.

Giddens (1997) nos traz o que chama de “mecanismos de desincorporação”, dois fatores o determinam: abandono do conteúdo tradicional e a reorganização das relações sociais através de faixas de tempo e espaço. Os processos causais pelos quais ocorre a desincorporação são muitos assim como a evolução dos sistemas tecnológicos, fundamentais para ela. Os sistemas de especialização descontextualizam-se, alcançam um caráter impessoal e contingente de suas regras de aquisição de conhecimento. Os sistemas tornam-se descentrados, acessível a qualquer pessoa que tenha tempo, recursos e talento para captá-los bem como alocados em qualquer lugar. O local não é, de maneira alguma, uma qualidade relevante para a sua validade; assumem uma significação diferente dos locais tradicionais.

Se a Era pós moderna permitiu essa descentralização de tempo e espaço com intuito de tornar a vida cotidiana mais prática e as informações cada vez mais acessíveis, abre-se um leque de possibilidades tecnológicas que embasam a era da Informação, onde as relações se estabelecem através dos processos sucessíveis ao progresso da geração de conhecimentos. A este fenômeno Castells (1999) denomina “sociedade em rede”, que tem como lastro revolucionário o uso da internet incorporados pelo sistema capitalista. Lévy (1999) denomina “cibercultura”, o novo espaço e lugar de interações que a realidade virtual propicia. A área de estudo de cada um dos autores é distinta, mas há algo em comum e inegável em suas teorias: a importância da internet no meio social, na vida de cada indivíduo que está inserido, quer queira ou não, nesse novo patamar: o das novas tecnologias da informação.

Castells fala da ideia de que “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 1999, p.43). Ou seja, não há motivos para não incorporar as tecnologias no cotidiano, não podemos fugir dela, nem ao menos imaginar mais a vida sem ela. Assim como a sociedade está para as novas tecnologias, o indivíduo está para o ciberespaço.

Os novos meios de comunicação possibilitam essa redimensão, e como observa Marcuschi (2005, p.13), “em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.” Há, portanto, outros territórios a serem explorados, experiências com múltiplas interfaces. Nesses territórios, as fronteiras se diluem, instaurando uma nova geografia. A ideia de Lévy (1997) sobre nomadismo revela que o novo espaço não é o território geográfico, nem das instituições, mas um espaço invisível dos saberes, na qual o ser humano e a sociedade de renovam a maneira de interagir em um espaço qualitativo, dinâmico, vivo, que se inventa e que produz o seu mundo (LÉVY, 1997, p.17).

A informática, a nitente não intervém apenas na nova dinâmica em se comunicar, mas também no processo de subjetivação individual e coletivo. Nesse contexto, uma nova cultura, ou cibercultura compõem espaços virtuais que trazem à cena conexões mais amplas e maior dinamismo, como as redes sociais digitais, onde as pessoas, com algo em comum, se identificam, constituem e alimentam valores culturais (CASTELLS, 2003 p.115).

Podemos observar que esse novo espaço e lugar, chamado de ciberespaço é marcado pela instantaneidade e transitoriedade. Os sujeitos sociais vivenciam a cibercultura, que para Lévy (2005, p. 11) é um universo onde “não possui centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas.”

Ciberespaço e a construção da identidade.

É comum a referência ao termo ciberespaço vir acompanhada de expressões como realidade virtual, Internet-NET, redes telemáticas, Comunicação Mediada por Computador- CMC, cibercultura e outros neologismos. O termo ciberespaço foi criado pelo escritor William Gibson. Em seu livro *Neuromancer* (1984), o autor trata de um real que se constitui por meio do agrupamento de novas tecnologias presentes na sociedade capaz de transformar suas estruturas e princípios de se comunicar, tornando o próprio homem, sujeito e objeto de uma realidade virtual que os determina.

Lévy (1999), chama de ciberespaço (rede) o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo está relacionado não apenas a infra-estrutura material, mas de todo o universo de informações que ela abriga, assim como os usuários que navegam e alimentam esse universo. Denomina “cibercultura” o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, valores e pensamentos que se desenvolvem e se propagam dentro do ciberespaço.

Em relação a esse novo lugar e espaço, que parece abarcar o mundo das informações, Lévy (1993) ressalta que: [...] vivemos hoje em dia uma destas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Paralelo a isso, vemos que os argumentos de Castells (1999), considera que “as pessoas moldam a tecnologia para adaptá-la a suas necessidades”, ou seja, a comunicação mediada por computadores reforça e multiplica os padrões sociais já existentes.

Lévy (1996; 2000) trata mais precisamente sobre o virtual e o considera a potência do real. É um espaço de interação e comunicação entre as pessoas, inter-mediado pela interconexão das redes de computadores, no qual as informações comunicadas são de natureza digital e as relações desembocam no virtual (2000, p. 92-93).

Castells (2003), alega que a internet, em geral, e o ciberespaço, em específico, constituem-se como um “poderoso” instrumento de socialização entre relações que já existem ou não no ambiente presencial. O mundo virtual é utilizado para estreitar as relações existentes e fomentar relações pontuais. Diz ainda (1999) que o desenvolvimento das tecnologias é como uma espécie de “mola propulsora” do processo de transformação contemporânea, ou seja, a reconfiguração das relações provoca mudanças comportamentais no indivíduo, onde novos conceitos e visões de mundo são internalizadas.

Nesse ponto podemos nos questionar sobre a correlação entre a construção da identidade e o ciberespaço e ainda mais, sobre a crítica que desdobra a temática. Se voltarmos ao ponto das identidades líquidas observamos que os teóricos que discorrem sobre o ciberespaço e cibercultura pairam suas discussões sobre a ideia de que esse novo ambiente abre espaço para uma dinâmica cada vez maior no que refere-se a identidade, onde o sujeito está sempre se construindo e reconstruindo a partir desse meio chamado ciberespaço. Forma-se o lugar onde não há nada que não se possa saber ou descobrir, e porque não: “se criar” ou “recriar”? A identidade segue esse fluxo, quanto maior o conhecimento e agilidade nesse processo internacional (com o outro, com o mundo), maior é a capacidade de mudança das características subjetivas que vão desde o modo de pensar até a forma de se vestir. Bauman (2005) chama “Comunidade Virtual” o mundo pós moderno, pois revela que o indivíduo assume o papel que quer, e a qualquer momento deixa de pertencer a essa ou aquela comunidade sem quaisquer danos. Bauman (2005) leva-nos a refletir sobre as comunidades virtuais como possibilidades de fuga, assumindo outras identidades sem dar conta a ninguém. O autor considera ainda a presença física, o olhar atencioso e a aproximação física importante para a construção de laços afetivos.

Dentro desse processo de liquefação Bauman (2005) entrelaça trajetórias e estruturas sociais e diz que nesse mundo emaranhado, inseguro e imprevisível, a identidade não é construída com relação a fins nem tampouco com relação a meios, mas sim aos meios para buscar uma identidade alternativa. Para o autor, a problemática atual está exatamente na incerteza da escolha e apego por uma identidade. A modernidade líquida não é uma mera construção social, mas política.

Segundo Bauman (2005), influenciados pelo mundo moderno, global, tendemos a descartar aquilo que não nos interessa, não somente a nível material, social e econômico, mas a nível de personalidade, onde a moldamos conforme os interesses existenciais presentes num dado momento. Características sólidas de uma única identidade estão em pleno desuso e a facilidade em se tornar um camaleão, ora de um jeito, ora de outro, atende bem aos parâmetros da sociedade atual em que vivemos. A Internet é apontada por Bauman (2005) como meio de “salvação” e perigo, pois ao mesmo tempo em que as pessoas desejam se relacionar, correm o iminente risco de se decepcionar com a falta de comprometimento, relacionamentos frágeis e aproximação física real.

Considerações finais.

As novas tecnologias da informação e da comunicação proporcionam mudanças temporais e territoriais que interconectam pessoas de todos os lugares do mundo. Essas interações vão para além das fronteiras físicas, materiais, se dão a partir das dimensões simbólicas que ocorrem entre o homem e o computador, trocas essas, inauguradas no virtual, onde as culturas propagadas está em uma tênue linha do real e do virtual.

Quando Bauman (2005) fala do processo de globalização destaca a complexidade das relações criadas a partir do uso das novas tecnologias da comunicação que nos permite falsear identidades. Estar conectado a grande rede não pressupõem ser aceito ou bem quisto, mas uma questão de modismo, porque, na verdade, é possível ter milhões de amigos nas redes sociais sem conhecer nenhum. No mundo virtual, o contato pode ser rapidamente deletado ou substituído a qualquer momento, basta dar um unico click.

Essas discussões elucidam que na sociedade pós moderna que vivemos hoje, as tic's estão difundidas e diluídas em nosso cotidiano, no entanto, percebemos, a partir da crítica de Bauman, que devemos ser cautelosos no que concerne a identidade e, mais ainda, que a identidade líquida, adotada por influência do capitalismo e da globalização, pode ser muito prejudicial ao sujeito que se permite mudar de identidade na mesma proporção e velocidade dos meios de comunicação.

Referências.

BAUMAN, Zygmunt. 2005. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J.Zahar.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venâncio Majer. 8 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 3. ed. São

Paulo: Loyola, 1997.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2005.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

GUIMARÃES Jr., Mário J.L. *O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais*. IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, setembro 1999. Disponível em: < http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html>. Acesso em: 12 out. 2014.

JUNGBLUT, Airton Luiz. *A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço*. In: Horizontes Antropológicos. Ano 10, n. 21. Porto Alegre, jan/jun, 2004. p. 97-121.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: _____; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.